

Os 30 anos de edição da revista Educação e Matemática serão assinalados durante este ano de 2017 com uma secção especial que iniciou na revista anterior, nº 141. Contámos com o testemunho de Ana Paula Canavarro, diretora e redatora durante vários anos. Neste número continuamos com o depoimento de Isabel Rocha, também diretora e redatora da revista e ainda com o contributo de um anterior redator, Fernando Nunes. Ao longo dos 30 anos muitos testemunhos e artigos deixam saudades e continuamos a encontrar atualidade em muito do que foi publicado. Ao Fernando Nunes, solicitámos uma “revisita” a textos publicados há tempo, não um regresso ao passado, mas um reencontro de sentidos e significados. A ambos agradecemos os contributos que dão conteúdo à secção especial 30 anos da Educação Matemática deste número.



## Nos 30 anos da *Educação e Matemática*

ISABEL ROCHA

Entrei para a redação da revista Educação e Matemática no último trimestre de 2001 (há quase 17 anos ...), na sequência de um convite feito no ProfMat de Vila Real.

Neste ano, em que a revista completa 30 anos, a redação entendeu dar continuidade à reflexão feita por ex diretores/redatores, aquando da comemoração dos 20 anos e assim, no último número da revista pudemos ler a reflexão da Ana Paula Canavarro que foi redatora da revista durante vinte anos e diretora num período de seis anos, a quem sucedi, como diretora no biénio 2010/2012 e antecedendo a nossa atual diretora Lina Brunheira.

E chegamos ao “drama” deste depoimento: que posso eu acrescentar ao brilhante e completo depoimento da APC? Amar/escrever pelas duas!

### A REFLEXÃO PESSOAL SOBRE A MINHA PRÁTICA DE REDATORA E DIRETORA

O que me levou a aceitar colaborar na redação da revista? Será que pensei se tinha perfil adequado para tal tarefa? E qual é o perfil adequado para se pertencer à redação de uma revista de e para professores? Provavelmente, se tivesse refletido muito sobre estas questões não teria aceite o convite com o entusiasmo e a curiosidade que senti. Mais um desafio? Sim e também porque é difícil resistir à parceria Isabel Rocha/Manuela Pires visto que o convite também foi dirigido à Manuela Pires na tentativa de ter redatores fora da grande Lisboa. Hoje, não só o centro do país, mas também o norte

está com grande representação.

### Mas porquê curiosidade, entusiasmo?

Desde que me tornei sócia da APM (em 1989) que sentia a revista Educação e Matemática como o rosto mais visível, mais presente da APM (apesar de todos os rostos dos ProfMats) porque me entrava em casa de dois em dois meses, me acompanhava para quase todo o lado, seja na secretária de trabalho, no sofá, na escola (reuniões de grupo disciplinar, na sala de aula, na formação de professores, ...) porque me ajudava a refletir sobre os desafios da educação matemática, porque trazia um artigo que estimularia a discutir determinado tema na reunião do grupo disciplinar, porque trazia uma experiência de sala de aula à volta de uma tarefa ou de um material que constituía um bom caso para a formação de professores, etc, etc.

Ora serem professores, sócios da APM (como eu??, como tu) e não profissionais da comunicação social, a colaborarem, a trabalharem arduamente para colocar a revista de pé, tornava-os, aos meus olhos, um grupo de exceção, merecedores da minha admiração.

E, por isso, me senti entusiasmada, curiosa e até orgulhosa de ir pertencer a tal grupo e poder dar o meu contributo para que a revista, além de ser para mim, como tinha acontecido até esse momento, também fosse minha, no sentido da questão com que a Ana Paula termina a sua reflexão.

Integrei a redação na tal fase de “semi-profissionalismo” da

edição da revista, com o apoio de uma estrutura da APM, o gabinete de edição. Existia toda uma dinâmica de trabalho coletivo em grande e pequeno grupo que procurei manter durante o período como diretora assumindo essencialmente o papel de coordenação da equipa.

Destaco o desafio da comunicação on-line, também estimulado pela institucionalização do @-sócio da APM, a partir de 2006. Relembro o esforço para colocar todas as revistas on-line no formato idêntico à versão em papel, com a possibilidade de pesquisar por ano, por palavras, por autor ou secção. Os sócios podem aceder a todos os artigos da *Educação e Matemática* e alguns dos textos, de cada um dos números, também estão disponíveis para não sócios.

O próprio processo de revisão dos artigos, continuando a ser feito a pares, passou a dispor de uma plataforma, que permite a todos os redatores terem acesso ao estado da revisão, se o artigo está pronto para publicação, se aguarda reformulação ou se é proposto para rejeição por algum dos revisores. Neste caso todos os redatores farão a revisão do artigo e inserem o seu comentário. Este é um processo que ainda precisa de alguma melhoria mas que tem sido facilitador da comunicação on-line entre os redatores. Mas para alimentar este processo precisamos de artigos, precisamos como diz a Ana Paula, de “uma dinâmica de conresponsabilização pela manutenção de

uma ferramenta vital da vida associativa onde se espera que cada um coloque a sua parte”.

Que nos sirvam de inspiração, com as necessárias adaptações, as palavras de uma profissional da comunicação social que muito prezo (Lúcia Crespo, também editora de um suplemento no *Jornal de Negócios*):

ser jornalista implica tentar ver o que geralmente não se vê, implica encontrar ângulos diferentes sobre a realidade. Implica encontrar várias realidades, uma vez que não existe apenas uma realidade. E essas diferentes realidades encontram-se, sobretudo, junto das pessoas, junto dos seus diversos olhares. E, por isso, um bom trabalho jornalístico deve cruzar várias perspetivas, diferentes pontos de vista. (...) Na prática, quem edita tem de estar atento às notícias dos outros jornais e, sobretudo, deve estar desperto para aquilo que vai observando nas ruas. Deve saber tomar o pulso às diferentes realidades e ir anotando ideias para potenciais artigos. Depois, fala com os seus jornalistas, discute ângulos de abordagem, sugere especialistas de diferentes áreas para entrevistar (...)

Não é uma parte desta atitude que temos na sala de aula e na escola, observar, refletir, anotar... e bem! Ora vamos lá escrever para a *Educação e Matemática*.

ISABEL ROCHA

## Um olhar subjetivo e sumário sobre o que foi, o que é e como poderá ser

FERNANDO NUNES

Quando alguém pediu para comentar algo saído na *Educação e Matemática*, apenas com a condição de ter sido publicado há alguns anos, de modo a poder servir a quem não viveu a vida associativa nessa altura, o primeiro problema que se me colocou foi exatamente o da escolha. Relativamente ao texto da revista, as hipóteses são muitas. E cada um dos casos pode apresentar uma série de alternativas, relativamente à perspetiva adotada na análise, aos aspetos enfatizados ou ao estilo de escrita. Depois de pensar e de pesar as diversas opções, decidi optar por um texto que tivesse a ver diretamente com a vida da Associação de Professores de Matemática (APM ou

Associação), tentando informar sobre o passado, exprimir-me quanto ao presente e perspetivar um futuro.

Em outubro de 1986, a primeira Direção da recém-criada APM escreveu uma comunicação endereçada aos professores de Matemática. O conteúdo foi publicado na contracapa do primeiro número da *Educação e Matemática*, publicada em janeiro de 1987.

Nos dois primeiros parágrafos informa-se sobre a criação da APM, em Portalegre, que foi fruto de um grande apoio.

No parágrafo seguinte, caracteriza-se o estado do ensino e aprendizagem da matemática e o sentimento dos professores.

São identificadas razões que justificam o aparecimento de um movimento organizado para enfrentar as dificuldades sentidas:

O Ensino da Matemática tem vivido no nosso país em situação de crise permanente. O insucesso na nossa disciplina atinge níveis preocupantes. Uma grande maioria de alunos não gosta de Matemática, não compreende para que serve estudar Matemática. Nós, professores, estamos igualmente descontentes, não sabemos como interessar os nossos alunos, temos que cumprir programas demasiado grandes, rígidos e abstractos. Além disso, sentimo-nos isolados uns dos outros, não partilhamos as nossas dificuldades, nem as nossas ideias, nem as nossas experiências.

O Ensino da Matemática, nas nossas escolas, parece de facto desfasado das necessidades quer individuais quer sociais do nosso tempo. Entretanto, nem os currículos e programas, nem a maneira de ensinar e aprender Matemática, sofreram alterações significativas na última década. Os alunos continuam a ter um papel essencialmente passivo na sua própria aprendizagem.

No penúltimo parágrafo da comunicação, a Direção assegura que “nenhum processo de renovação do ensino terá êxito se não contar com um forte envolvimento dos professores” e que a Associação “pretende ser um movimento que baseie a sua actividade na iniciativa e na criatividade dos professores dos mais diversos pontos do país e de todos os graus de ensino”. No final do documento, depois de se inventariar o que já foi realizado no âmbito do trabalho da Associação, afirma-se que

A A. P. M. existe e será o que todos quisermos. Trata-se de uma aposta difícil mas que vale a pena fazer. Se ela for ganha, então temos boas razões para acreditar que os professores de Matemática poderão desempenhar um papel decisivo na renovação da Educação Matemática em Portugal.

O entusiasmo que rodeou a criação da APM foi-se alargando nos anos seguintes e permitiu que a Associação fosse crescendo, atingindo, em termos de número de sócios e respetiva atividade, um nível muito considerável, o que viabilizou uma cooperação forte no seio dos professores da disciplina. Os núcleos regionais foram crescendo e cimentando a sua organização, criaram-se grupos de trabalho, o encontro anual (ProfMat) tornou-se obrigatório e chegou a ser um dos maiores encontros nacionais de professores em Portugal. A APM cooperou com várias organizações, públicas e privadas, editou inúmeras publicações, com autoria de sócios e de não sócios, disponibilizou materiais, construiu exposições, organizou encontros regionais, nacionais e internacionais, promoveu a formação contínua de professores e, principalmente, assumiu-se como uma plataforma em que os professores de matemática se podiam encontrar, viabilizando uma atividade conjunta e sustentada que pudesse ajudar o seu

enriquecimento.

Quando se compara a descrição, realizada em 1985 pela Direção da Associação, e as razões invocadas para a oportunidade da criação da APM com o estado das coisas no momento em que escrevo, não é difícil encontrar diferenças mas também parece ser evidente a permanência de situações não desejáveis que teimosamente se mantêm presentes na realidade do sistema educativo. Por exemplo, pelo lado das diferenças, toda a história decorrida de realizações conjuntas, associativas ou outras, modificou o isolamento então sentido pelos professores. Quanto às semelhanças, para citar apenas uma, os programas de Matemática “grandes, rígidos e abstractos” são hoje extensos, inadapáveis e demasiado formais, tendo em vista aqueles a quem se dirigem de forma mediata, os alunos, e de forma imediata, os professores de matemática.

Trinta anos passados, depois de muitos acontecimentos e de se terem atravessado períodos diferentes, o projeto da APM avançou, mas ainda não chegou a um estágio onde se procure que as aprendizagens tenham significado para todos os alunos, sendo eles considerados com potencial para ter sucesso em matemática. A atual conjuntura mostra-se diferente da que existiu há bem pouco tempo, e continuará a evoluir. Embora haja questões e áreas essenciais da política educativa que não são diretamente decididas pelos professores, não será uma quimera acreditar que os governantes não são imunes a serem influenciados, levando em linha de conta o que os professores e as suas organizações defendem. Como existe uma variedade grande de opiniões e teses, algumas complementares, outras opostas, parece ser importante que a argumentação e a defesa dessas teses seja cuidadosamente refletida e apresentada, recolhendo, e integrando, as contribuições do maior número possível de interessados.

A APM tem sido uma plataforma que pode ser utilizada por qualquer professor que se disponha a contribuir com o que pensa ser pertinente, para a discussão e clarificação dos temas que interessam a quem se preocupa com o ensino e a aprendizagem da matemática. Cada professor deve sentir-se livre para exprimir opiniões, questionar, apoiar, enriquecer, cooperar, esclarecer e ser esclarecido, integrar perspectivas diferentes e preservar a sua autonomia e independência. Acredito que a existência destas situações é uma garantia do futuro da Associação da Professores de Matemática.

**FERNANDO NUNES**